

O NORTE

de

DISTRITO



QUINZENÁRIO de FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Avença

Órgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

25 de Julho de 1962

Proprietário: Dr. Ernesto Lacerda

Director e Editor: Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado

Chefe da Redacção: Prof. A. Paula Santos

ANO X

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL - FIGUEIRÓ DOS VINHOS - TELEFONE 7

N.º 230

OS DOIS INFERNOS

por SANTOS FERNANDO

ESTA pequena história foi-me contada numa roda de amigos, entre os vícios da velha «bica» e as exaltações do novíssimo «totobola». Se a referida pequena história tem barbas, por certo que estarão a arder, pois ela passa-se algures nos infernos, na época que melhor servir, como anedota temporal e como carapuça adequada. É inofensiva, como a licença do isqueiro que nunca se mostra, e tem um sabor adaptável às grandes e às pequenas potências

O Jeremias morreu. Se deixou saudades ou dívidas, não sabemos. Rezam, no entanto, as crónicas do seu quotidiano, que sempre estivera longe de ser um bom samaritano no que diz respeito a mãos-rotas e benemerência nas acções. Quando as pesara, teria roubado nos pesos e intrujado mesmo esse meio mundo que foi feito para ser vigarizado. Talvez houvesse tido qualidades, num mínimo porém tão diminuto que o juízo final, ajuizado e consciente, o recambiaria para as profundas do Inferno, com guia de marcha e sem direito a regresso.

Andou o Jeremias de escantilhão por trevas abismais e escusos atalhos perdidos em mundos doutros mundos, até que se encontrou um dia num terreiro ermo e sinistro onde havia, em cada uma das extremidades, uma porta. A primeira era forrada a ouro e tinha aldrabas de platina. Encimava-a um letreiro a «néon» que dizia:

INFERNO DOS GRANDES PAÍSES

A segunda era de madeira velha e escalavrada, com um badado de cabras por campainha, e tinha o seguinte letreiro:

INFERNO DOS PEQUENOS PAÍSES

Jeremias, estonteado, febril e apavorado com o cenário desolador que via à sua volta, dirigiu-se à porta de ouro e, mal tocou ligeiramente a aldraba, aquela abriu-se e um funcionário às ordens do diabo, ou o próprio Belzebu em carne e chifre, surgiu resplandecente num traje de espumante beleza. O seu sorriso de dentes de ouro cativava tanto como uma montra de ourives.

Jeremias, trémulo mas resolutivo, falou:

— Queria entrar no Inferno, mas como vejo dois, confesso que não sei o que fazer neste insólito caso de concorrência...

— Bem... — respondeu a figura majestosa do diabo ou dum seu sequaz... — Este é o Inferno dos Grandes Países. Tudo aqui é moderno. A última palavra em conforto. O senhor terá oito horas de caldeira, oito horas de picadela com espeto e oito horas de descanso. Comunico-lhe, meu caro, que possuímos óptimas caldeiras electrónicas e espetos absolutamente requintados e radioactivos.

O Jeremias agradeceu e pediu licença — já agora! — para ir ao outro inferno saber as condições.

Chegou lá, puxou o badalo e ficou com ele na mão. Depois bateu com os punhos e com os pés e metade da porta ruiu com as pancadas. Quinze minutos volvidos, esta abriu-se para aparecer uma criatura imunda e andrajosa, a barba por fazer, o desleixo estampado num rosto velhaco.

— Então o que o traz por cá? — inquiriu com voz sorna.

— Queria saber as condições... Já fui ali ao outro...

— São idênticas, cavalheiro. As condições são idênticas: oito horas de caldeira, oito horas de picadela com espeto e oito horas de descanso.

Jeremias lançou um olhar ao interior do que mais parecia uma caverna e recuou enojado.

— Sendo assim — disse — prefiro o Inferno dos Grandes Países. Aquilo ali é outro luxo!

E ensaiou a retirada. Porém, astuto, o pobre diabo, ou o diabo pabre, ou o secretário de Pero Botelho, puxou-lhe por um braço. Jeremias deteve-se, atônito.

— Homem — murmurou a diabólica personagem — pense no futuro! Que lucra você em ir para o outro inferno? Aqui é que está bem, amigo. Entre e verás...

— Inferno por inferno, opio pelo mais moderno, pelo mais rico e cómodo...

Então o porteiro do Inferno dos Pequenos Países disse pausadamente, com persuasão:

— Figue-se por aqui... Você repare: oito horas de descanso ninguém lhe tira...

— E o resto?

— O resto? — sorriu por entre a imundície e o pêlo. — Oito horas de caldeira, não é? Pois bem! Como não há verba para lenha, a caldeira nunca acende, e quanto às picadelas, os tipos que trabalham com o espeto chegam de manhã, assinam o ponto e nunca mais ninguém lhes põe a vista em cima... Isto é um grande inferno, meu caro! Um grande inferno!

António Andrade

Foi transferido para Coimbra o nosso estimado amigo Sr. António Andrade, que vinha chefiando, com muito zelo e competência, a Secção de Finanças da Figueira da Foz, há algum tempo.

Com os nossos cumprimentos, desejamos-lhes, em Coimbra, a continuação da sua brilhante carreira.

Sá Simões de Almeida

Depois de ter prestado provas brilhantes para Secretário de Finanças de 1.ª classe, este nosso prezado amigo e assinante foi colocado no Funchal.

Apraz-nos registar mais um êxito na sua carreira de funcionário zeloso e sabedor, ao mesmo tempo que fazemos votos pelas suas prosperidades profissionais e pessoais.

Prof. José Maria Castelão

O Senhor Presidente da República condecorou, recentemente, com o grau de Cavaleiro da Ordem da Instrução Pública, o nosso prezado amigo Sr. José Maria Castelão, distinto professor na sede do vizinho concelho de Alvaizere.

Foi com o maior júbilo que recebemos a notícia da distinção concedida ao ilustre professor e que, possuídos do mesmo sentimento, o felicitamos vivamente.

Festas do Parque

Por iniciativa da Corporação dos Bombeiros Voluntários de Figueiró e em benefício do seu cofre, vão realizar-se por ocasião da Feira de São Pantaleão, nos dias 26, 27 e 28, os tradicionais festejos no Parque Municipal.

Do programa destacamos, por considerarmos de excepcional interesse, a «Noite de Folclore» que terá início às 21,30 horas do dia 27, com a apresentação do Grupo Académico de Danças Ribatejanas, constituído por estudantes da cidade de Santarém dos 14 aos 18 anos.

Este agrupamento que dispensa encómios, deslocou-se, ultimamente, à nossa Província de Angola onde foi admirado e classificado de a mais bela embaixada enviada pela Metrópole a Terras do Ultramar e representou também o nosso País no Dia de Portugal, na Feira Del Campo, em Madrid.

Ainda na mesma noite actuará também o Grupo Infantil de Dança Regional de Santarém, composto de dois ranchos de rapazes e raparigas, dos 4 aos 8 e dos 9 aos 13 anos, que nas suas digressões pelo estrangeiro — Espanha, França, Suíça, etc. tem obtido notáveis êxitos.

E' por isso de prever que as festas resultem brilhantes e que todos os Figueiroenses colaborarão com o seu apoio moral e material para que assim seja.

Figueiró dos Vinhos

Expoente do Turismo

Português

Do Diário da Manhã, de 28 de Maio último, transcrevemos a seguir o artigo a todos os títulos honroso para a nossa terra.

O alcantilado da serra recordado por numerosas leiras, tratadas pelo homem, apresenta-se-nos à primeira impressão, como mancha de retalhos caprichosamente geométricos e pulcromáticos nos seus tons verdes, mais frios ou mais quentes — e castanhos — dum castanho cor de terra.

No ar, um clima ameno, reconfortante.

Ao longe, delineando o horizonte a serra, ora engrinaldada de ténue e leve neblina, ora revelando-se em todo o esplendor, batida pelo sol límpido e acolhedor, variegada em seus tons, mais claros a cada saliência, ou sombreadas a cada reentrância da encosta.

Que mais admirar em Figueiró dos Vinhos, o seu bucólico ambiente, a soberba paisagem que se desfruta do alto do Cabeço do Peão, a Ribeira de Alge; as imponentes fragas de S. Simão ou as modernas barragens da Bouça e do Cabril?

Em todos estes lugares se recolherão impressões que dificilmente o visitante esquecerá.

Isto é Figueiró dos Vinhos. Dir-se-ia que é, sobretudo, um local de excepção, a resultante da imaginação sublime dum artista, conjugada com os poderes intransponíveis do Criador, para a plena satisfação do simples mortal, na sua ânsia constante do que é belo — e repousante na sua beleza.

Ali, como em poucos outros locais, em Portugal, a natureza colocou o elemento de que melhor se pode valer o turismo — essa indústria que nos nossos tempos vai assumindo uma importância excepcional, e granjeando as atenções responsáveis, como factor de progresso económico e, concomitantemente, social. Esses elementos da natureza atraíram um artista como Malhoa e levaram o homem a reconstruir a vila, arrasada pelos mouros, nos primórdios da nacionalidade; esses elementos entusiasmarão as gentes quando surgiu a necessidade de aproveitar em Portugal o que ao estrangeiro, sem receio, se pudesse oferecer, nas suas viagens ociosas pelo Mundo.

Mas, não se tendo tido, embora, de transformar Figueiró dos Vinhos em estância de turismo, impôs-se, no entanto, a tarefa assobstante — que a par do entusiasmo exigia a inteligência e o carinho dos homens — de sobre ela fazer cair as atenções e o interesse do visitante (quer português, quer estrangeiro).

O Pelourinho de Aguda

O pelourinho da freguesia de Aguda também tem a sua história; história que, nas lembranças, se foi esvaindo e perdendo, mas que os alfarrábios perpetuam e tornam em constante actualidade aos curiosos e apaixonados por estas coisas de arqueologia.

Testemunha impassível e muda, possivelmente, das maiores atrocidades e injustiças cometidas há séculos, ele continua, agora, na sua história actual a ser testemunha, também, dos caprichos e das desinteligências do homem...

Corroído pelo tempo fero e bruto, fragmentado, para ali se encontra ao abandono, à mistura com outras pedras menos simbólicas — com pedras plebeias — anichado a um canto do largo principal de Aguda e, ainda assim, por obra e misericórdia da Junta de Freguesia.

Dizem-nos que a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais chamou a si o encargo de restaurar o pelourinho, mas que depara com a dificuldade da sua erecção naquele largo público, porque parte do largo público pertence a um particular (!!!) e o particular é contra os pelourinhos...

Meditando bem no caso parece-nos que, pelo menos, o pelourinho da freguesia de Aguda devia continuar o desempenho da sua missão.

Assim se foi mais longe, e se promoveram outros motivos de interesse. Estabeleceu-se uma reserva para a pesca da truta, na Ribeira de Alge, para a qual foi estabelecido um regulamento (que é o primeiro a aparecer no País); facilitou-se a prática do campismo; fomentou-se a prática dos chamados desportos de montanha; seleccionou-se todo um «menu» de pratos variados mas típicos da região, em que não falta o secularmente afamado pão-de-ló de Figueiró dos Vinhos,



Auto Monumental do Areeiro, L.da

AGENTES NO DISTRITO DE LISBOA DOS AUTOMÓVEIS E FURGONETAS

VOLKSWAGEN

Stand
Oficinas
Peças Legítimas
Estação
de Serviço
Oficial
Carrocerias

Pinturas

Electricista

Pronto-Socorro

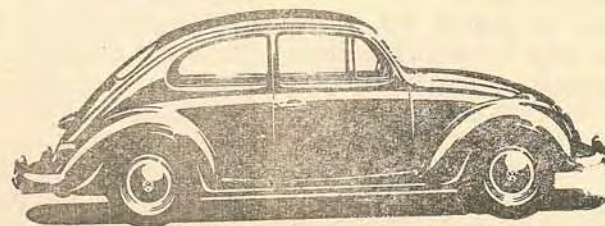
Alinhamento de Direcções

Carros novos e usados provenientes
de trocas com facilidades de pagamento

CARROS DE ALUGUER AO KM SEM CONDUTOR, NEM DISTINTIVO

Telefones 727654 — 727765 — 713057

Av. Padre Manuel da Nóbrega, N.ºs 8-8C-8D (Ao Areeiro) — LISBOA



Escola de Condução "Figueiró"

Instalada no Edifício da Estação de Serviço Cabeço do Peão

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TELEFONE 78

DE *Albertino de Oliveira Sousa*
(COIMBRA)

Ligeiros e motociclos amadores

A cargo do instrutor Sr.

António dos Santos Banhudo

NECCHI

A MÁQUINA DE COSTURA
DE FABRICAÇÃO ITALIANA
E REPUTAÇÃO MUNDIAL

TRÊS MODELOS

EM EXPOSIÇÃO NO AGENTE
PARA OS CONCELHOS DE
**ALVAIÁZERE, ANSIÃO,
CASTANHEIRA DE PÊRA,
FIGUEIRÓ DOS VINHOS,
PEDRÓGÃO GRANDE**
E SERTÃO

ANÍBAL SILVEIRA HERDADE

EM
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
TELEFONE N.º 43

NECCHI A MÁQUINA
DE COSTURA
SÓLIDA, PERFEITA E DE DURAÇÃO
ILIMITADA

Encomende à Tipografia deste jornal os impressos de que necessite.

Ficará bem servido.

O
TELEFONE

5

INSTALADO NA PRAÇA DE AUTOMÓVEIS
ATENDE TODOS OS
DIAS A QUALQUER
HORA.

CHAMADAS PARA
AUTOMÓVEIS
DE ALUGUER

O ÚNICO

PÃO-DE-LÓ

QUE SE VENDE EM TODO O
MUNDO PORTUGUÊS É O DA

Fábrica de Santo António dos Milagres

DE

Figueiró dos Vinhos

— Telefone 50 —

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA

INSTALAÇÕES MODERNAS

BAR — CAFE — RESTAURANTE — BILHARES



Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Telefone 55

**Máquinas de Tricotar
de Fama Mundial**

KNITTAX

A maravilha em Simplicidade e Eficiência
A única premiada com medalha de ouro

FACILIDADES DE PAGAMENTO

**Agente para o concelho
de Figueiró dos Vinhos**

Juvenal da Conceição Simões

FIGUEIRÓ ANTIGO CHORAR Valorização turística

Foram diversos os senhores das vilas de Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande e várias as doações que os reis de Portugal fizeram delas, como vamos ver.

Por carta de 7 de Abril de 1504 alcançou D. Dinis de D. João Fernandes de Lima e sua mulher D. Maria Anes, o domínio de Évora Monte, Vila Boim e Aguiar de Neiva, em troca de direitos tanto temporais como espirituais e rendas de Vimieiro, Almada, Povos, Figueiró e Pedrógão Grande em suas vidas.

D. Fernando doou as vilas de Figueiró e Pedrógão Grande a Gonçalo Vasques de Azevedo, do seu conselho, em 1 de Junho de 1381.

O primeiro senhor das vilas citadas foi D. Pedro Afonso, filho natural d'el-rei D. Afonso Henriques.

O segundo foi o chanceler Julião, como se vê na obra *Excelências da Dignidade do Ministro da Puridade*, por Fr. Francisco do Santíssimo Sacramento, publicada em 1666.

O terceiro foi Egídio Júlio, filho do dito chanceler, que teve a doação das referidas vilas, feita por el-rei D. Afonso II, em 5 de Dezembro de 1211.

Depois, D. João I, fez mercê das ditas vilas a Aires Gonçalves de Figueiredo e a seguir a Rui Mendes de Vasconcelos, filho de Gonçalo Mendes de Vasconcelos e de D. Teresa Ribeiro e neto de Mem Rodrigues de Vasconcelos, em carta de 14 de Setembro de 1384, mercê ou doação que confirmou a 2 de Novembro seguinte e que foi feita em prémio dos seus heróicos feitos, com todas as suas rendas e direitos não só para si mas também para seus descendentes.

Depois, passou tal senhorio a Rui Vaz Mendes de Vasconcelos, filho do antecedente, por Carta de 1387. O dito Rui foi legitimado em 14 de Agosto de 1392 e casou com D. Ana Afonso.

Sucedeu-lhe no senhorio das referidas vilas, por Carta de 1435, seu filho João Rodrigues Mendes de Vasconcelos que foi casado com D. Branca da Silva, irmã de D. Diego da Silva, arcebispo de Braga e filha de Rui Gomes da Silva, alcaide-mór de Campo Maior e Ouguela.

Nascimento

No passado dia 14 do corrente mês de Julho, na Clínica Dr. Daniel de Matos, em Coimbra, a Sr.ª D. Maria Helena da Conceição Gomes da Costa Teixeira, esposa do nosso prezado amigo e assinante Sr. António da Conceição Teixeira, zeloso funcionário da Câmara Municipal deste concelho, deu à luz um robusto rapazinho.

Associando-nos à alegria dos pais, desejamos para o neófito as maiores venturas.

O calcanhar de Aquiles

Aquiles, rei dos Mirmidões, foi o mais famoso dos heróis da «*Iliada*» de Homero.

Quando nasceu, sua mãe Tétis mergulhou-o na lagoa Estígia o que o tornou invulnerável, excepto no calcanhar por onde ela o segurava. Morreu ferido no calcanhar, em combate com Paris.

O nome de Aquiles ficou como personificação de valentia. No entanto, quando nos referimos ao «*calcanhar de Aquiles*» a propósito de alguém muito forte, queremos assinalar o seu ponto fraco.

Depois passou tal senhorio a Rui Mendes de Vasconcelos e Ribeiro, que foi Governador de Ceuta, donde regressou em 1481. Foi também alcaide-mor de Penamacor. Recebeu o senhorio das vilas de Figueiró e Pedrógão Grande por Carta de 4 de Março de 1489, senhorio que lhe foi confirmado por outra carta dada em Setúbal a 26 de Junho de 1496. Casou com D. Isabel Galvão a qual durante o Grande cerco da dita cidade de Ceuta andava com sus criadas e com outras mugeres e hijas de Capitães e soldados, sirviendo calderas de aceite hirviendo, piedras e outras cosas necesarias a la defensa.

Facto citado por D. Jerónimo de Mascarenhas na sua *História de la Ciudad de Ceuta*.

Depois de Rui Mendes de Vasconcelos e Ribeiro, foi senhor das ditas vilas seu filho Pero da Silva de Menezes, que em 1519 saiu de Lisboa para a Índia por capitão de uma nau da armada de Jorge de Albuquerque. Pero da Silva ia destinado a andar por capitão do trato de Cochim para Ormuz.

Pero da Silva foi morto em 1521 na barra de Chaul com uma bombardeira de Mouros, que lhe rolou a cabeça e meteu no fundo a nau que comandava. Parece que por tal morte passou o referido senhorio a sua irmã D. Joana de Vasconcelos, casada com Luís de Alcaçova Carneiro, filho de Pedro de Alcaçova Carneiro e de sua mulher D. Catalina de Sousa.

(*Continua no próximo número*)

FALECIMENTO

No dia 8 deste mês de Julho, faleceu nesta vila, com 75 anos de idade, o Sr. Manuel Lourenço Gomes dos Santos, antigo e conceituado comerciante de ourivesaria e relojoaria na nossa praça.

Pessoa honesta, trabalhador infatigável, o extinto gozava na região de muitas simpatias, pelo que o seu passamento causou geral consternação, embora há alguns anos, já se encontrasse doente e impossibilitado de exercer qualquer actividade.

Era casado com a Sr.ª D. Maria da Glória Cotrim dos Santos e pai das Sr.ªs D. Maria de Lurdes Cotrim Santos Carvalho, casada com o Sr. Manuel dos Santos Carvalho, sargento do Exército; D. Cecília Cotrim dos Santos Guimarães, casada com o Sr. Sebastião da Conceição Guimarães, proprietário e comerciante na Ilha do Príncipe; D. Inês Cotrim dos Santos Martinho, casada com o Sr. António da Silva Martinho, comerciante nesta vila; D. Luízetec Cotrim dos Santos Costa, casada com o Sr. Juvenal Tainha da Costa, guardalivros em Angola; e dos Srs. António Cotrim Lourenço dos Santos, comerciante em Pombal, casado com a Sr.ª D. Maria da Conceição Pessoa Varela Pinto; Fernando Cotrim Lourenço dos Santos comerciante, nesta vila; e Manuel Lourenço Cotrim dos Santos, aluno da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra.

No funeral, que no dia seguinte se realizou para o cemitério desta vila, incorporaram-se grande número de pessoas de todas as camadas sociais, constituindo verdadeira manifestação de pesar.

«*O Norte do Distrito*» apresenta a toda a família enlutada, especialmente, a sua viúva, filhos, nora e genros, sentidas condolências.

E' vergonhoso, é efeminado chorar, dizeis vós. Até certo ponto, isto é verdadeiro com relação à vida quotidiana. Se um homem chora ou ri muitas vezes, dizeis que é um poltrão, um indivíduo sentimental e de temperamento desequilibrado, ou um idiota infantilizado. Tudo isso é verdade, mas não haverá uma ocasião em que um homem deva estar profundamente comovido e derramar algumas lágrimas?

O facto é que certos homens são mais sensíveis que outros, como há bons e maus violinos. Uma grande obra de arte exige uma alma finamente dotada de capacidade de apreciar, para

Por Lin Yutang

tirar dela o gozo completo que pode dar. O mesmo é verdade de um bom cavalo e um bom joquei, e de uma boa composição musical e um músico ou regente talentoso que pode tirar de Schubert toda a ternura que há em Schubert, e de Brahms e Tchaikowsky toda a tristeza que há em Brahms e Tchaikowsky. E assim também é verdade dos livros e dos autores. A capacidade que tem cada homem de apreciar um bom autor é estritamente limitada pelos seus dotes mentais e emocionais. Um homem aprecia uma linha, outro homem aprecia outra, e só raramente encontramos perfeita correspondência simpática entre leitor e autor, da mesma forma que entre uma composição e a magistral interpretação de um regente privilegiado.

Sim, há lágrimas nesta vida, e o que importa afinal é aquilo por que choramos. Há lágrimas de prazer e lágrimas de tristeza, lágrimas de amor e lágrimas de perdão, lágrimas de separação e lágrimas de encontro entre mãe e filho. Uns choram por uma insípida história sentimental, enquanto outros choram diante da pura beleza e da bondade. Mas a todo aquele que sentir vontade de chorar, porque nós fomos animais antes de nos tornarmos seres com raciocínio, e derramar uma lágrima, seja de perdão, de piedade ou de puro deleite diante da beleza, isso lhe fará um grande bem.

A Igreja Matriz

O conceituado diário do norte «*O Comércio do Porto*», transcreveu, na íntegra, no seu número de 14 do corrente, ilustrada com uma excelente gravura da nossa Igreja Matriz, a notícia inserta no último número deste jornal sob o mesmo título.

Agradecendo a deferência, registamos que as causas justas têm sempre quem as secunde e faça triunfar.

Continuamos por isso esperanças, em que o nosso apelo será também ouvido por quem de direito.

Manuel da Silva Furtado

Vindo da Província Ultramarina de Moçambique em gozo de merecidas férias, encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa e filhinhas, este nosso prezado conterrâneo.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos com os votos dum estadia agradável e proveitosa

Visado pela Comissão de Censura

O Secretariado Nacional da Informação está a realizar, com êxito evidente, as Jornadas de Valorização Turística — Resultado de uma acção.

O programa começou com a Sessão de encerramento do Concurso Nacional de Cozinha e Doçaria Portuguesa, realizado em colaboração com a R.T.P., no passado dia 29 de Junho. Em 30 do mesmo mês foi inaugurada a exposição «*Equipamento Hoteleiro: Sugestões para a decoração económica de instalações hoteleiras — A indústria nacional no equipamento hoteleiro*».

Durante o mês corrente as Jornadas compreendem o seguinte:

Abertura da Semana do Turismo Português (Integrada nas Semanas do Turismo, da iniciativa do Skäl Club de Lisboa); A Caça — atracção turística; Visita e almoço aos Representantes dos Órgãos de Informação na Coutada do Escatelar (Canha) Coutada explorada pelo SNI e pela Revista «*Diana*»; Sessão de encerramento do «*I Curso de Recepcionistas*» — Distribuição dos diplomas de aproveitamento. No Parque de Campismo de Lisboa, almoço oferecido pelo Presidente da Câmara Municipal; Sessão de encerramento do Curso «*A Melhor Refeição ao Melhor Preço*» e distribuição de prémios; Inauguração da exposição de fotografias «*Campanha de Valorização Turística dos Moinhos de Portugal*» e estreia do filme «*Pousadas de Portugal*»; Sessão de encerramento do Curso das «*Estações Floridas*» e distribuição de prémios; Inauguração da Exposição de Material de Propaganda Turística; Encontro com os Delegados do Turismo Estrangeiro e com a Direcção do Skäl Club de Lisboa; Sessão de divulgação turística: exibição de filmes turísticos e de folclore, no Teatro da Trindade; Inauguração do novo espectáculo de «*Som e Luz*» — nos Jerónimos; e Proclamação dos vencedores do «*Concurso da Canção*», integrado na Campanha do Turismo de Inverno.

À inauguração da exposição «*Equipamento hoteleiro: Sugestões para a decoração económica de instalações hoteleiras — A indústria nacional no equipamento hoteleiro*» presidiram os Srs. Dr. Corrêa de Oliveira, Ministro de Estado adjunto da Presidência do Conselho, e Prof. Eng.º Ferreira Dias, Ministro da Economia. Os dois membros do Governo foram recebidos pelo Sr. Dr. César Moreira Baptista, Secretário Nacional da Informação, e Eng.º Alvaro Roquete, Director dos Serviços de Turismo e por outras individualidades ligadas ao Turismo nacional e estrangeiro.

A exposição de «*Equipamento hoteleiro*» oferece indiscutível interesse para o sector da especialidade e está primorosamente disposta no sentido da imediata compreensão, com a particularidade de não indicar qualquer sistema rígido de escolha e disposição de salas, mobiliários e vários objectos, deixando ao visitante a melhor impressão e completando-lhe a ideia sobre a maneira mais prática, mais airosa e mais eficiente de montar o complexo do hotel, da pousada, da estalagem, do pequeno estabelecimento do ramo. O aspecto da economia e o bom gosto andam de mãos dadas na curiosa exposição. Por isso o âmbito do sector é ultrapassado, pelo facto do visitante alheio à hoteleria julgar, e acer-

tadamente, que pode recolher apontamentos válidos para o arranjo de certos pormenores de stia própria casa. Evidentemente os proprietários, gerentes e técnicos dos estabelecimentos compreendidos na especialidade, esses encontram um compêndio prático, completo em vários sentidos, com o qual, folheando-o vagarosa e inteligentemente, ficam aptos a resolver problemas difíceis.

Na parte sugestiva para a decoração económica houve o intuito de expor praticamente ideias, puramente de concepção, com a finalidade de ficar vincado aquele factor primordial na indústria hoteleira, marcando-se a exclusão de preocupações profundas de ordem funcional. Aqui, saliente-se a simplicidade como base dominante decorativa e como nota permanente de valorização. Os apontamentos, traduzidos por salas e disposições de serviços, visam, de maneira especial, os pequenos estabelecimentos hoteleiros, que é preciso desenvolver, no interesse nacional. Portanto, não se mostram modelos, mas arranjos económicos, hábeis, acessíveis, com probabilidades de utilização em estalagens e pequenos conjuntos de vilas, praias e centros de atracção. A função local e clima de montanha e praia é factor importante decorativo. Contribuem, como elementos do ornamental, a cor, os móveis, as luzes, os tecidos, os estofos, os acessórios, os objectos de adorno, as loiças, a cutelaria, as flores e ainda as roupas.

O «Dia da Misericórdia»

Foi assinalado o «*Dia da Misericórdia*» com várias cerimónias, tendo o Chefe do Estado presente a um «*Te Deum*» comemorativo, inaugurado a Casa do Pessoal da Misericórdia de Lisboa e assistido a uma demonstração de ginástica de internados da Misericórdia.

A Santa Casa, confiada hoje à superior orientação do Sr. Dr. José Guilherme de Melo e Castro, antigo Subsecretário de Estado da Assistência Social, que tão bem soube marcar a sua passagem pelo Governo, e na provedoria daquela instituição tem realizado uma obra do maior relevo no aspecto social, honrou a sua história com mais uma página cheia de significação.

Saudado por perto de três mil crianças de várias instituições da Santa Casa, o Chefe do Estado, que inaugurara a Casa do Pessoal — acontecimento que ficou assinalado por uma lápide — teve ocasião de verificar qual significativa é a obra que tem sido levada a cabo pela instituição, que se deve a uma grande figura de mulher, a rainha D. Leonor. A alegria das crianças, a maneira como demonstraram o seu contentamento, durante as cerimónias efectuadas, deram bem a entender a validade da obra levada a efeito pela Santa Casa da Misericórdia. A instituição de um «*dia*» próprio para a celebração da Misericórdia está assim certa, como certa está a obra levada a efeito por aqueles que têm a seu cargo a orientação da assistência social do nosso País.

O respeito pela verdade é o termómetro da atenção que as pessoas nos merecem.